



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

A LITERATURA E O ENSINO DE GEOGRAFIA: UMA LEITURA GEOGRÁFICA DA OBRA CAPITÃES DA AREIA

Larissa Vieira Macedo
(UESB)

Antonia dos Reis Salustiano Evangelista
(UESB)

RESUMO

O presente artigo apresenta uma discussão a respeito do uso da literatura como recurso didático em aulas de Geografia, utilizando como suporte a obra Capitães da Areia, do escritor baiano Jorge Amado. A partir da análise dessa obra, sob a ótica da ciência Geográfica, foi possível identificar aspectos da narrativa pertinentes para tornar mais interessante à aprendizagem de alguns conteúdos de Geografia, particularmente sob o enfoque urbano. Para a fundamentação teórica do trabalho, buscou-se apoio em autores como: MOREIRA (2010), CAVALCANTI (2002), CARLOS (2008). A partir da literatura como recurso didático é possível através da associação da narrativa com a realidade vivenciada pelos alunos no período atual, de modo que os mesmos poderão compreender o espaço urbano através da sua dinâmica espaço-temporal que se apresenta a partir das relações cotidianas.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura, Ensino, Geografia

· Graduada do curso de Licenciatura em Geografia na UESB, integrante do grupo de pesquisa Educação, políticas públicas, meio ambiente e representações. E-mail: laryssamacedo@yahoo.com.br

· Orientadora: Licenciada em Geografia, Especialista em Educação Ambiental e mestre em Geografia. É professora Auxiliar do Departamento de Geografia da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia- UESB e integrante do grupo de pesquisa Educação, políticas públicas, meio ambiente e representações. E-mail: toniasalu@yahoo.com.br



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

INTRODUÇÃO

O uso de recursos didáticos pelo professor de Geografia justifica-se pela necessidade de um instrumento que conduza o aluno a apreensão dos conteúdos da disciplina de forma mais simplificada, além de facilitar ao professor o ensino por meio da articulação de técnicas com o conteúdo a ser abordado, resultando assim, em uma aprendizagem mais significativa.

Assim como o livro didático, as representações cartográficas, os filmes-documentários e uma série de outros recursos utilizados em aulas de Geografia, a literatura, é um instrumento que se utilizado sob o acompanhamento do professor, possibilita ao aluno um maior estímulo à reflexão, ao relacionar as informações contidas na ficção com a realidade a ser analisada sob a ótica da Ciência Geográfica. Publicado em 1937 pelo escritor baiano Jorge Amado, o romance *Capitães da areia* narra a história de um grupo de menores abandonados e marginalizados na cidade de Salvador, Bahia. A indiferença e opressão das autoridades para com os menores são retratadas pelo autor, conferindo à obra um caráter denunciante e até mesmo atual, quando a narrativa é relacionada com a problemática contemporânea, vivenciada por inúmeros menores em situação de vulnerabilidade social, que ocupam as ruas da capital baiana.

O objetivo deste artigo é discutir as contribuições do uso da literatura em aulas de geografia que podem auxiliar na análise e compreensão do espaço geográfico, utilizando como um dos suportes teóricos a obra *Capitães da areia*.

O trabalho foi elaborado com base em estudos bibliográficos a respeito do tema proposto, bem como, em uma leitura mais apurada da obra em questão. O texto está sistematizado em duas partes. A primeira delas tratará de discutir o uso da literatura brasileira de cunho regional como instrumento didático em aulas de Geografia, destacando a capacidade desse recurso ao estimular o aluno no



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

processo de aprendizagem; a segunda traz informações sobre a obra Capitães da areia, relacionando-a a uma discussão teórica sobre as contradições do espaço urbano na cidade de Salvador na década de 1930, tema de destaque na obra. Nessa seção, destaca-se a importância da abordagem dos problemas contemporâneos, relacionados com o processo de metropolização, bem como suas respectivas modificações e as permanências. Essa abordagem contribui para tornar significativo o ensino de Geografia, particularmente, os conteúdos da área de Geografia Urbana, onde o professor poderá discutir com os discentes temas como as desigualdades socioespaciais existentes no espaço urbano da cidade de Salvador.

Obras literárias brasileiras: um convite à geofricidade

Com a finalidade de alcançar os objetivos previamente estabelecidos, buscou-se fazer estudos bibliográficos a respeito do tema proposto com base em Moreira (2010), Cavalcanti (2002), e Carlos (2008), bem como, em uma leitura mais apurada da obra em questão, evidenciando a crítica social feita pelo escritor Jorge Amado na década de 1930, onde o autor narra o cotidiano de meninos abandonados na cidade de Salvador-Bahia. As abordagens dos referidos autores darão suporte à leitura geográfica da obra proposta neste artigo associando-a a sua utilização como instrumento didático em aulas de geografia.

Os recursos utilizados pelo professor em aulas de Geografia, a exemplo do livro didático e das representações cartográficas são notórios auxiliares na compreensão e análise do espaço geográfico, tornando-se assim, indispensáveis à prática do professor. No entanto, outros instrumentos podem contribuir com essa articulação, como as linguagens artísticas (música, cinema, pintura) e, sobretudo, a literatura.

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

A criativa proposta de utilização de obras literárias como instrumento didático em aulas de Geografia, configura-se como um estimulante meio de conduzir o aluno a uma análise espaço-temporal da realidade. Assim, por meio da observação dos fatos narrados na linguagem subjetiva das obras literárias, associadas à articulação dessa linguagem à objetividade das discussões propostas em sala de aula, pelo professor, é possível construir novos conhecimentos a partir do diálogo com outras expressões literárias.

Observando-se os aspectos regionais e/ou locais retratados nas obras de vários autores brasileiros, a exemplo do escritor baiano Jorge Amado, que tem vários dos seus textos literários adaptados para o cinema, rádio, televisão, teatro e até para histórias em quadrinhos, é possível identificar características e transformações espaciais expressos na descrição das paisagens e do cotidiano dos personagens que dão vida à obra e ao espaço em que atuam.

Sobre a importância dessa articulação entre a ciência e a arte pode-se destacar segundo Moreira (2010, p. 146) que,

Fonte privilegiada da linguagem tanto real da ciência quanto simbólica da arte, o espaço é o tema, portanto, que pode, numa leitura não positivista do mundo, unificar a ciência e a arte numa perspectiva do olhar, eliminando a dualidade objetivo-subjetiva da compreensão do homem que elas encerram.

A distância entre o conteúdo acadêmico de Geografia e a chamada Geografia escolar é um desafio ao professor atualmente, exigindo do mesmo, criatividade e acima de tudo conhecimento aprofundado dos temas relativos à ciência, a fim de não negligenciar a essência dos conteúdos inerentes a esta disciplina. Assim, a proposta de articulação entre obras literárias e os conteúdos de Geografia deve ser um instrumento, como vários outros, capazes de estimular o aluno à compreensão

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

de temas ligados à disciplina observando-se a vida relatada dos personagens contextualizando-os no espaço e no tempo.

O autor, ao descrever no início da obra o cenário onde se desenvolve parte da narrativa, identifica ao leitor a aliança entre o espaço e o tempo, percebida na paisagem fictícia, conduzindo-o a uma observação preliminar do espaço que dá vida à obra, como é possível destacar na seguinte afirmação: “A areia se estendeu muito alva em frente ao trapiche. E nunca mais encheram de fardos, de sacos, de caixões, o imenso casarão. Ficou abandonado em meio ao areal, mancha negra na brancura do cais.” (AMADO, 2004, p. 19).

É conveniente frisar que a utilização de obras literárias brasileiras com enfoque regionalista pelo professor de Geografia deve estar atrelada a uma fundamentação teórica e orientada por meio de um trabalho ou atividade que conduza o aluno à apreensão do conteúdo proposto, refletindo e discutindo o enfoque da obra analisada, para além do senso comum e do caráter lúdico apresentados na literatura.

Assim, na obra proposta para análise neste artigo, observa-se a possibilidade de se discutir conteúdos de geografia urbana, especificamente sobre as contradições do espaço urbano brasileiro em décadas anteriores e seus reflexos no arranjo espacial atual, a partir de descrições do espaço urbano da cidade de Salvador na década de 1930 e da história de vida dos personagens, meninos abandonados e oprimidos, retratando a desigualdade, bem como, a vulnerabilidade dessa população, notadamente marcante nas obras do referido escritor em suas primeiras publicações.

A exploração da obra pelo professor de Geografia pode ser direcionada com base na relação do conteúdo da disciplina, associado à realidade vivenciada pelos alunos. Isso pode ainda, repercutir na vivência dos mesmos, uma vez que estes estarão suscetíveis a se depararem com sujeitos presentes no cotidiano

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

semelhante ao dos personagens narrados na obra, meninos de rua, ou criando-se por meio da leitura, uma imagem da cidade que será discutida de forma crítica, com base em fundamentos teóricos da disciplina. Como nos informa Cavalcanti (2002, p. 48):

Para efetivar um trabalho escolar com o tema em questão, é importante entender como as diferentes experiências e conhecimentos de crianças e jovens da/na cidade se “cruzam” ou se “encontram” com os conteúdos sistematizados e experiências curriculares na aula de Geografia e o que resulta desse encontro do ponto de vista da aprendizagem e do desenvolvimento intelectual, social e afetivo do aluno.

Ou, ainda, ciente da importância da pesquisa de campo no ensino de geografia, observa-se a possibilidade de se realizar um trabalho de campo na cidade, após discussões em sala de aula, resgatando o tema central da obra associando-o a realidade percebida pelos alunos, de forma orientada e participativa, incentivando a pesquisa por meio da análise empírica do espaço urbano.

Capitães da areia: contextualizando a obra

Nascia em 1912, no povoado de Ferradas, município de Itabuna, BA, o escritor Jorge Amado. Crescera no ambiente das roças de cacau do sul baiano, quando aos treze anos, fugido do internato dos jesuítas, se dirigia ao Estado do Sergipe a fim de residir com o avô. Passado algum tempo, aquele que se tornaria um dos mais célebres escritores brasileiros do século XX, dedicava a sua vida de adolescente nas ruas da cidade de Salvador entre meninos de rua, mestres de saveiro, capoeiristas, feirantes, povo dos mercados e dos candomblés, época em



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

que aprendeu a ler. O fato é narrado pelo próprio escritor na sua obra autobiográfica intitulada *O menino grapiúna*. (AMADO, 1995).

O resultado da convivência com o povo marginalizado dessa cidade à época de sua juventude é expresso em várias das suas obras, onde retrata a realidade social, como em *O país do carnaval*, *Jubiabá*, *Capitães da areia*, dentre outras, onde são retratados personagens que fizeram parte de sua própria história, como informa o escritor “os personagens das obras de ficção resultam da soma de figuras que se impuseram ao autor, que fazem parte de sua experiência vital”. (AMADO, 1995, p. 71). É possível assim, observar que não por acaso, Jorge Amado elege o povo dessa cidade como personagens de destaque em várias de suas tramas.

Escritor adepto do Modernismo, estilo literário que tem seu início na década de 1920 caracterizado por profunda adesão aos problemas da nossa sociedade e da nossa história (CANDIDO, CASTELLO, 1983, p. 9), Jorge Amado publica em 1937 a obra *Capitães da Areia*, que teve vários exemplares queimados em praça pública. Nas entrelinhas do romance, o escritor, militante do Partido Comunista Brasileiro à época, denuncia as desigualdades sociais, utilizando como cenário a cidade de Salvador, Bahia. O autor justifica o estilo de escrita ao afirmar que “Na literatura e na vida, sinto-me cada vez mais distante dos líderes e dos heróis, mais perto daqueles que todos os regimes e todas as sociedades desprezam, repelem e condenam”. (AMADO, 1995, p. 58).

Na referida obra, é possível identificar aspectos de desigualdade social presentes no ambiente do espaço urbano da cidade de Salvador aliando-os às informações contidas em obras de teóricos da geografia urbana, contribuindo assim, para uma discussão sobre o espaço urbano e suas contradições desde a década de 1930 até os dias atuais, aproximando-se ainda, da realidade local,



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

vivenciada pelos alunos. Faz-se necessário percorrer da escala regional à local com o propósito de situar o aluno no contexto da narrativa.

“Sob a lua, num velho trapiche abandonado, as crianças dormem.” (AMADO, 2004, p. 19). É com essa frase que inicia o autor a narrativa que irá descrever a história de dezenas de meninos de rua, dos quais, mais de quarenta viviam no velho trapiche e tem idades que variam de 9 aos 16 anos. Por motivos diversos, dedicavam suas vidas a vagar pelas ruas de Salvador. Sem família e sem moradia digna, experimentavam a vida nas ruas, praticando pequenos furtos, retornando ao trapiche que lhes serve de abrigo, e de referência. Caracteriza-os o autor, informando que “Vestidos de farrapos, sujos, semi-esfomeados, agressivos, soltando palavrões e fumando pontas de cigarros, eram, em verdade, os donos da cidade, os que a conheciam totalmente, os que totalmente a amavam, os seus poetas.” (AMADO, 2004, p. 21).

A respeito do cotidiano dos personagens que dão vida à obra, acrescenta-se ainda, segundo o autor:

Eles furtavam, brigavam nas ruas, xingavam nomes, derrubavam negrinhas no areal, por vezes feriam com navalhas ou punhal homens e polícias. Mas, no entanto, eram bons, uns eram amigos dos outros. Se faziam tudo aquilo é que não tinham casa, nem pai, nem mãe, a vida deles era uma vida sem ter comida e dormindo num casarão quase sem teto. Se não fizessem aquilo morreriam de fome, porque eram raras as casas que davam de comer a um, de vestir a outro. (AMADO, 2004, p. 100-101).

Sobre a caracterização do cotidiano vivido pelos personagens no decorrer da narrativa convém associar uma discussão sobre a população excluída no espaço urbano, privada do direito à cidade comum ao processo de urbanização experimentado no Brasil em décadas passadas, que perdura até os dias atuais.

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

A fim de complementar a argumentação sobre a marginalização da população de rua, é possível referenciar o autor no que diz respeito à distinção de planos espaciais da cidade de Salvador, como no trecho a seguir:

Lá em cima, na cidade alta, os homens ricos e as mulheres queriam que os Capitães da Areia fossem para as prisões, para o reformatório, que era pior que as prisões. Lá embaixo, nas docas, João de Adão queria acabar com os ricos, fazer tudo igual, dar escola aos meninos. (AMADO, 2004, p. 102-103).

Acrescenta-se ainda:

Omolu mandou a bexiga negra para a cidade. Mas lá em cima, os homens ricos se vacinaram, e Omolu era um Deus das florestas da África, não sabia dessas coisas de vacina e a varíola desceu para a cidade dos pobres e botou gente doente, botou negro cheio de chaga em cima da cama. Então vinham os homens da Saúde Pública, metiam os doentes num saco, levavam para o Lazareto distante. (AMADO, 2004, p. 132-133).

A imagem descrita por Amado de parte da cidade nos leva a perceber, ainda que não seja tão evidente como nos dias atuais, a desigualdade social que caracteriza o cenário da trama, ao distinguir a população e o restrito acesso que parte dela tem aos serviços públicos em alguns espaços, no que se refere à educação, saúde e condições dignas de reprodução da existência. Assim, é possível perceber a atualidade do tema abordado na narrativa, onde os problemas destacados ainda persistem nos dias atuais como resultantes dos processos que ocorrem na metrópole, como nos informa Ana Fani:

A paisagem urbana metropolitana refletirá assim a segregação espacial fruto de uma distribuição de renda estabelecida no processo de produção. Tal segregação aparece no acesso a determinados serviços, à infra-estrutura, enfim aos meios de



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

consumo coletivo. O choque é maior quando se observa as áreas da cidade destinadas à moradia. É aqui que a paisagem urbana mostra as maiores diferenciações, evidenciando as contradições de classe. O homem necessita de um espaço para viver, mesmo que este esteja debaixo de alguma ponte. Ele necessita de um lugar para comer, dormir, descansar, enfim, um lugar usado para reposição de energia, da reprodução da força de trabalho e da espécie. (CARLOS, 1992, p. 42-43).

A opressão sofrida pelas crianças e jovens por parte do Estado, representado pelo poder judiciário, instituição de menores e até por parte da sociedade, é expressa em vários momentos na narrativa, denunciando assim, a falta de compromisso do Estado para com a população marginalizada, como no trecho a seguir:

Há alguns meses tivemos ocasião de publicar cartas do Dr. Chefe de Polícia, do Dr. Juiz de Menores e do diretor do Reformatório Baiano sobre este problema. Todos eles prometiam incentivar a campanha contra os menores delinquentes e em particular contra os “Capitães da Areia”. (AMADO, 2004, p. 186).

A articulação verificada na narrativa, entre o poder público e parte da sociedade, no intuito de tomarem providências contra os menores, pode ser utilizada pelo professor como tema para proporcionar discussões sobre a população de rua, buscando evidenciar os problemas existentes, que são relacionados à negligência do Estado com relação às classes menos favorecidas, bem como a condição de existência dos menores no espaço urbano, tomando como referência o fato narrado na obra.

Identifica-se na fala “O diretor do reformatório levantou-se, sentou-lhe o pé, Pedro Bala caiu do outro lado da sala. Nem se levantou. Os soldados vibraram os chicotes.” (AMADO, 2004, p. 190) a truculência com a qual age o diretor do reformatório de menores ao pressionar o líder do grupo a revelar o “esconderijo”

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

do outros, no caso o velho trapiche que lhes serve de abrigo, quando deveria ser uma instituição de referência no amparo a menores, livre de repressões ou maus-tratos.

“Castigos... Castigos... É a palavra que Pedro Bala mais ouve no reformatório. Por qualquer coisa são espancados, por um nada são castigados. O ódio se acumula dentro de todos eles.” (AMADO, 2004, p. 203). Ódio, que como é narrado pelo autor em vários momentos da obra, é expresso em atitudes rebeldes dos meninos pela cidade, fato que é justificado pela falta de medidas educativas e políticas de inserção de parte dessa população de rua na sociedade com direitos e deveres como qualquer outro cidadão.

O ódio criado pelas represálias sofridas pelo líder do grupo de menores no reformatório, Pedro Bala, transforma-se em luta no movimento grevista. O jovem, que como narra o autor, é filho de um grevista que morre a tiro num movimento, vence as barreiras impostas pelas estruturas sociais e dá um salto às lutas dos operários. Observa-se o trecho a seguir:

A greve se soltou na cidade. É uma coisa bonita a greve, é a mais bela das aventuras. Pedro bala tem vontade de entrar na greve, de gritar com toda a força do seu peito, de apartear os discursos. Seu pai fazia discursos numa greve, uma bala o derrubou. Ele tem sangue de grevista. Demais a vida da rua o ensinou a amar a liberdade. A canção daqueles presos dizia que a liberdade é como o sol: o bem maior do mundo. Sabe que os grevistas lutam pela liberdade, por um pouco mais de pão, por um pouco mais de liberdade. É como uma festa aquela luta. (AMADO, 2004, p. 346).

É notável nas falas do autor o interesse do personagem pelo movimento grevista por se tratar de uma oportunidade de libertação, a libertação de uma vida na marginalidade, a oportunidade de lutar junto aos trabalhadores por participação na vida política, por dignas condições de reprodução da vida. Na fala: “Dentro de Pedro Bala uma voz o chama: voz que traz para a canção da Bahia, a

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

canção da liberdade” (AMADO, 2004, p. 254) é descrito pelo autor os anseios do personagem a uma vida melhor, livre da marginalidade que o aprisiona.

O fato nos leva a refletir junto aos alunos sobre a importância dos movimentos grevistas em várias épocas no Brasil, como forma de luta da população por melhores condições de trabalho, em meio às contradições do espaço urbano.

Os apontamentos acima mencionados, baseados na análise da obra são sugestões que podem nortear um trabalho vinculado ao ensino de Geografia, especificamente às aulas de Geografia urbana, podendo subsidiar discussões a respeito do tema proposto. Contudo, após a leitura da obra, faz-se necessário por parte do professor, identificar, junto aos alunos, os aspectos possíveis de serem abordados em uma análise sob a ótica da ciência geográfica, com a finalidade de orientar as discussões, direcionando os alunos a reflexões sobre as contradições do espaço urbano.

Após caracterização dos personagens, descrição do cenário onde se desenvolve a trama, bem como, crítica feita pelo autor a respeito das contradições espaciais da cidade de Salvador na década de 1930, faz-se necessário traçar um paralelo entre os fatos narrados na obra e a realidade local, observando-se cuidadosamente a distância entre essas duas realidades, no que diz respeito ao espaço e ao tempo, destacando as características semelhantes possíveis de serem analisadas e discutidas.

CONCLUSÕES

As formas de percepção da realidade contidas numa obra literária e numa obra geográfica são distintas, considerando a objetividade ou subjetividade da linguagem utilizada na mesma, bem como o contexto no qual foi produzida. No



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

entanto, a articulação entre ambas, orientada pelo professor de Geografia, caracteriza-se como um rico auxílio na tarefa de conduzir o aluno a uma análise do espaço geográfico de forma instigante, crítica e curiosa, associando os fatos narrados ao cotidiano dos alunos, a sua vivência no espaço urbano.

Frente às inúmeras dificuldades verificadas pelos professores em relação à leitura de obras romanescas nas escolas, o estabelecimento de um diálogo entre uma obra literária e a ciência não é tarefa fácil, no entanto, pode ser conduzida de forma a evidenciar na narrativa, características espaciais passíveis de serem analisadas sob a ótica geográfica, em complemento ao uso dos tradicionais recursos utilizados em aulas de Geografia.

Atemo-nos neste artigo à possibilidade de utilização da obra em aulas de Geografia em sua forma original, no entanto, é importante destacar que a obra foi adaptada para o cinema, filmado por Hall Bertlet, nos Estados Unidos, em 1971 (TAVARES, 1980, p. 125); No Brasil, o filme produzido recentemente pela neta do escritor, Cecília Amado e será lançado no segundo semestre de 2011⁴⁰ e para o formato de histórias em quadrinhos, pelo publicitário soteropolitano Ruy Trindade, em 1995, com a história na íntegra⁴¹. As publicações em outros formatos viabilizam simplificar a abordagem facilitando a interpretação por parte dos alunos, de acordo com a faixa etária a que se pretende aplicar esse recurso.

⁴⁰ Capitães da Areia. Disponível em: <http://www.capitãesdaareia.com.br/noticias> Acesso em: 05/05/2011.

⁴¹ Ruy Trindade. Disponível em: <http://ruytrindade.artelista.com>. Acesso em: 05/05/2011.



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

REFERÊNCIAS

- AMADO, Jorge. **Capitães da areia**. 112º ed. Rio de Janeiro: Record, 2004. Disponível em: <<http://www.capitãesdaareia.com.br/home>>. Acesso em: Maio de 2011.
- _____. **O menino grapiúna**. 15. ed. Rio de Janeiro: Record, 1995. Artelista.com. Disponível em: <http://ruytrindade.artelista.com>. Acesso em Maio de 2011.
- CANDIDO, Antônio; CASTELLO, José Aderaldo. **Presença da literatura brasileira**. 9. ed. Difel, 1983.
- CARLOS, Ana Fani Alessandri. **A Cidade**. 8. ed. 2º reimpressão. São Paulo: contexto, 2008.
- CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia e práticas de ensino**. Goiânia: Alternativa, 2002.
- MOREIRA, Ruy. **Pensar e ser em geografia: ensaios de história, epistemologia e ontologia do espaço geográfico**. I ed. 2º reimpressão – São Paulo: contexto, 2010.
- TAVARES, Paulo. **O baiano Jorge Amado e sua obra**. Rio de Janeiro: Record, 1980.